

CADERNO PEDAGÓGICO

AULAS MISTAS OU SEPARADAS?

METODOLOGIAS PARA INCLUSÃO DO GÊNERO FEMININO NO ESPORTE

AUTORES

RODRIGO LIMA DE ALMEIDA
MINERVA LEOPOLDINA DE CASTRO AMORIM



MANAUS
2024

MÉTODOS PARA ENFRENTAMENTO DO
AFASTAMENTO E DA RESISTÊNCIA DAS MENINAS
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia
Campus Manaus - Amazonas

AULAS MISTAS OU SEPARADAS?

Metodologias para a inclusão do gênero feminino no esporte.

REALIZAÇÃO E EXECUÇÃO

RODRIGO LIMA DE ALMEIDA

SUPERVISÃO GERAL

Dra. MINERVA LEOPOLDINA DE CASTRO AMORIM

**MANAUS – AM
2024**



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
1 - PRODUTO EDUCACIONAL.....	9
2 - INTRODUÇÃO	9
3 - OBJETIVOS.....	11
4 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
5 - METODOLOGIA	14
6 - FORMATAÇÃO DAS AULAS EM RELAÇÃO AO SEXO	14
7 - 10 ATIVIDADES PARA SENSIBILIZAR OS ALUNOS E PROFESSORES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO:	18
8 - REFERÊNCIAS	27

APRESENTAÇÃO

*Ser um homem feminino
 Não fere o meu lado masculino
 Se Deus é menina ou menino
 Sou masculino e feminino
 Olhei tudo que aprendi
 E um belo dia eu vi
 Que ser uma mulher masculina
 Não fere o meu lado feminino
 Porque pra parir seis meninos
 Eu tive que ser masculino e feminino.
 (Pepeu Gomes, Baby do Brasil)*

A música citada dá indícios das problemáticas da construção do humano nas relações gênero abrangidos neste trabalho, então no movimento de entender as escolhas do pesquisador me apresento aos professores de Educação Física e demais interessados como Rodrigo Lima de Almeida, 43 anos, nascido em Belém/PA, formado em Educação Física pela Universidade Federal do Pará (2012), com especialização em Fisiologia e Cinesiologia do Exercício pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro (2014). Atualmente mestrando do Programa de Mestrado em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFAM), exercendo a profissão em Manaus, capital do Amazonas.

A minha educação básica, universitária e pós graduação *Latu sensu* foram realizados no Estado do Pará na cidade de Belém, no qual sou nascido. Entretanto, houve um pequeno interstício nos primeiros anos do Ensino Fundamental II, ocasionado pela transferência do meu pai para São Paulo. Toda a formação fora estudada em escola particular. No que tange à Educação Física, em Belém, era praticada no mesmo turno no ensino fundamental I, mas no ensino fundamental II, em Belém, houve a mudança para o contraturno. Diferentemente de São Paulo, onde as aulas eram no mesmo turno.

Naquela cidade, na escola em que estudava tinha uma particularidade para além dessa diferença: o aluno frequentador das escolinhas de esportes ou das seleções escolares estava liberado das aulas regulares de Educação Física. Logo, a vivência em diferentes práticas corporais relegou-se a uma escolha individual. Desta feita, optei por participar das turmas de basquete e, futuramente, entrei na seleção da escola ocasionando a minha dispensa das aulas regulares. Contudo, apesar dessa problemática, acabei vivenciando outras aéreas como lutas (karatê, boxe, muay thai, MMA, judô e capoeira), esportes (futebol de campo, vôlei e natação), dança de salão e ginástica (musculação, step, spinning e aulas do sistema body systems), devido a condição financeira dos meus pais que possibilitavam pagar por essas práticas corporais.

Após a formatura do segundo grau, cursei direito numa faculdade privada em Belém. Porém, não concluí, abandonando no 6º período por problemas financeiro e de saúde mental. Então, ao melhorar mentalmente, prestei vestibular para Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Federal do Pará (UFPA) no ano de 2008. Neste curso, minha trajetória acadêmica ocorreu sem grandes dificuldades, passando direto em todas as disciplinas sem percalços – havia encontrado o meu curso, a minha futura área de atuação profissional.

Meu entusiasmo pelo curso possibilitou o ingresso na monitoria das disciplinas anatomia e fisiologia, assim como a participação no laboratório de neuro degeneração da UFPA, voluntário do professor Dr João Bento Torres, com quem tive a grata oportunidade de adquirir conhecimentos fundamentais para minha formação acadêmica e profissional.

Com o término de minha Graduação, fui estagiário no futebol de campo e, no mesmo período, fui contratado para trabalhar numa academia de ginástica na área da musculação. A experiência adquirida nesse período me garantiu qualidade profissional para conseguir trabalhar, por vários anos, com exercício resistido em diferentes academias e como personal trainer. Ainda no ramo da musculação, busquei aperfeiçoamento no curso de Pós Graduação da Universidade Gama Filho em Cinesiologia e Fisiologia do exercício, sendo que o foco de minha monografia de final de curso foi uma pesquisa bibliográfica sobre as diferenças entre os treinos tensionais e metabólicos.

Todavia, o nascimento do meu primeiro filho trouxe novas necessidade e, conseqüentemente, transformou minhas percepções acerca de minha atuação profissional, uma vez que o ramo de personal trainer e academia de ginástica não era tão valorizado, não suprimindo as novas necessidades de pai de família. Foi, então, que decidi me dedicar a fazer concursos públicos para professor de Educação Física em algumas cidades do estado do Pará, tais quais Salinópolis, Castanhal, Viseu, Vigia e Acará, tendo sido bem sucedido em dois municípios - Viseu e Vigia, mas só fui chamado pelo município de Viseu.

Portanto, foi em Viseu que se deu o início da minha carreira na minha área de formação acadêmica, mais especificamente, em escola pública da educação básica. Naquele município lecionei no pólo educacional de Limondeua em todos os anos do Ensino Fundamental. Naquela ocasião, eu era o único professor de Educação Física de uma escola localizada na zona rural de Viseu e que recebia alunos das comunidades quilombolas no turno da noite, o que me colocou diante de uma experiência única dadas as dificuldades encontradas.

As aulas eram distribuídas em uma aula no turno regular e outra no contraturno. Desta forma, as aulas no contraturno aconteciam na quadra da comunidade, nos igarapés, no campo de futebol ou na praça da igreja. Passei dois anos lecionando neste município e vivenciando as dificuldades do ensino básico em relação a infraestrutura, materiais, carência dos alunos e dificuldades no trato pedagógico.

Ao encerrar o ciclo em Viseu, passei no concurso da Secretaria de Estado da Educação do Amazonas (SEDUC/AM) em 2015, sendo empossado em 2016. Ao começar o trabalho na SEDUC/AM, fui lotado em três escolas de Manaus - no matutino na Escola Barão do Rio Branco em turmas do 1º, 2º e 3º anos. No vespertino, a lotação ocorreu na Escola Nossa Senhora de Aparecida e Antenor Sarmiento, ambas do Ensino médio (EM). Na Escola Nossa Senhora de Aparecida (EENSA) peguei os dois primeiros anos do EM e na Escola Antenor Sarmiento trabalhei com os terceiros anos do EM. Todas as escolas localizadas no centro ou próximas ao centro de Manaus.

Com o passar dos primeiros anos e a reintrodução do projeto esportivo (atual projeto de práticas corporais) pude ficar em apenas duas escolas - Barão do Rio Branco (matutino) e EENSA (vespertino), facilitando a integração junto à comunidade escolar. As duas escolas apresentavam um bom espaço destinado as práticas corporais. Na EENSA há uma quadra coberta e no Barão do Rio Branco uma área na

frente da escola e outra na lateral. Por três anos, até o fim do estágio probatório, atuei nessas escolas.

Porém, em virtude de divergências com a gestão escolar optei por mudar de escola no período matutino, passando a lecionar na Escola Estadual Princesa Isabel, onde estou até hoje. No turno vespertino sucedeu uma redução de turmas na EENSA por parte da SEDUC/AM após a greve dos professores de 2018 da rede Estadual, o que me deu condições de pensar em fazer o curso de mestrado profissional da (coloca a informação do nome do programa do mestrado profissional). Desse modo, obrigou-me a compartilhar em duas escolas, EENSA e Escola Primeiro de Maio.

O percurso para construção da pesquisa se inicia com a disciplina problemáticas da Educação Física, que abordou as dificuldades e possibilidades do trabalho docente no campo da Educação Física escolar. Um dos pontos abordados foi a questão de gênero no contexto da Educação Física escolar, feita a partir de leituras sobre a diferença de gênero nas aulas de Educação Física. Nas atividades propostas nesta disciplina organizei a apresentação de vídeos sobre a sensibilização das diferenças de gênero na sociedade e, principalmente, nos esportes.

Após os alunos assistirem os vídeos fizemos uma roda de conversa bem proveitosa, o que me deu um insight para um possível problema de pesquisa. Ao mesmo tempo, estava participando da seletiva dos Jogos Escolares do Amazonas (JEAS) com uma equipe feminina de futsal e verifiquei o baixo número de equipes femininas participando – apenas três. Foi esse, então, o grande motivo para eu e minha orientadora (Profa. Dra. Minerva Amorim) escolhermos pesquisar a inclusão do sexo feminino nas aulas de Educação Física no conteúdo esporte.

A próxima disciplina foi Seminário de pesquisa, que foi organizada em três partes nas quais tivemos que delimitar o tema e os objetivos gerais e específicos de nosso futuro projeto de pesquisa. Esse momento foi difícil, pois necessitou de várias retificações e correções. Entretanto, apesar das dificuldades, conseguimos avançar numa direção viável, indicando um caminho para a construção teórica e metodológica e da possibilidade de gerar um produto educacional que cumprisse a determinação do Programa.

Em seguida, tivemos a disciplina Escola, Educação Física e Planejamento. Nesta disciplina compreendi melhor as dimensões do conhecimento sobre xxxxx e como

utilizá-las segundo os documentos norteadores BNCC, PCNs e PNE. Sendo assim, além de facilitar o meu planejamento, com esta disciplina, verifiquei como conectar a avaliação aos objetivos do aprendizado, clarificando o processo pedagógico.

Outra disciplina, que influenciou a minha trajetória, foi Metodologia de Ensino, porque indicou várias formas de tratar o conhecimento esporte na prática escolar, como a pedagogia do esporte, o teaching game for understanding e sports education. As metodologias trabalhadas auxiliaram nas ferramentas para adaptar as aulas de acordo com as necessidades dos alunos. O livro pedagogia dos esportes coletivos, indicado na disciplina, foi proveitoso na edificação teórico/prático, impactando no fazer pedagógico e permitindo um melhor aprendizado e inclusão dos alunos em nossas práticas diárias nas escolas que trabalhamos.

A disciplina, que finalizou o ano 2022, foi a terceira parte de Seminário de Pesquisa, na qual tivemos uma pré qualificação. A pré qualificação foi um momento de muita apreensão e nervosismo devido à necessidade de entregar um esboço bem elaborado de nosso projeto de pesquisa. Nesta fase foram indicadas algumas debilidades do projeto de pesquisa, causadas por pouca literatura sobre o assunto e tempo para realizar nossa pesquisa. Nessa pré qualificação, então, recebemos inúmeras contribuições da banca e, com isso, alguns pontos do projeto de pesquisa foram alterados.

Sendo assim, avalio a experiência do mestrado como proveitosa nos aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais. Os aspectos atitudinais foram importantes principalmente pela troca de experiência com os colegas do mestrado, pois verifiquei que os meus conflitos e dificuldades vivenciadas eram compartilhadas pelos meus colegas. Logo, as soluções indicadas na literatura e nas experiências dos outros mestrandos foram um fator motivador para melhorar as minhas aulas.

Nos aspectos procedimentais fui fortemente impactado pelas disciplinas esportes de raquete (principalmente na adequação e construção de materiais) e metodologia do ensino. O aspecto conceitual abordado no mestrado profissional influenciou-me devido ao grande número de artigos abordando os temas mais variados da Educação Física. Portanto, o mestrado está transformando a minha forma de avaliar, proceder e motivar

1 - PRODUTO EDUCACIONAL

Na caminhada do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFAM) há a necessidade da elaboração do produto educacional. Dessa feita, o mestrando deverá:

desenvolver um processo ou produto educativo e aplicado em condições reais de sala de aula ou outros espaços de ensino, em formato artesanal ou em protótipo. Esse produto pode ser, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de videoaulas, um equipamento, entre outros. A dissertação deve incluir necessariamente o relato fundamentado da aplicação do produto educacional desenvolvido. (Capes, p.5, 2022).

Para silva et al (2022), os mestrados profissionais (MPs) têm três aspectos metodológicos para sua caracterização tais quais os de ordem social, metodológico e epistêmico. Portanto, os MPs ao atender os três critérios buscam conceber um pesquisador politicamente engajado em transformar a sua realidade.

Afim de reunir esses determinantes da pesquisa profissional foi elaborado um caderno pedagógico com estratégias de intervenção para inclusão do gênero feminino no conteúdo esporte da Educação Física Escolar. Para isso, tivemos como base a coleta de dados da pesquisa, os resultados e a discussão. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP-UFAM) e foi aprovada com a numeração do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 0578523.2.0000.5020 e Parecer de Aprovação Número 6.177.704.

2 - INTRODUÇÃO

As práticas corporais tiveram na história da Educação Física (EF) um papel de separação dos sexos em virtude dos fatores elencados por Devidé e Jesus (2006) como maior homogeneidade, menor violência, ênfase no rendimento motor, maior participação dos alunos com uma socialização positiva e mais organização das atividades propostas. Contudo, essa diferenciação se mostrou deletéria para o desenvolvimento das mulheres no esporte, diminuindo o repertório corporal e privilegiando atividades corporais mais passivas Daolio, (1995) e Altman, Ayoub e Amaral (2011).

O menor engajamento das meninas nas aulas de EF é justificado pelos professores devido as meninas não quererem suar ou ficar desarrumadas (ALTMAN,

AYOUB E AMARAL, 2011). Outro argumento que reforça a exclusão das meninas nas aulas de EF é o baseado na lógica biológica enfatizando o rendimento (Nicolino e Paraíso, 2018). As práticas corporais organizadas pelo viés biologicista datam desde do fim do século XIX e início do século XX em que segundo Castellani Filho (2010) objetivava-se um “corpo saudável, robusto e harmonioso organicamente” (p.33).

No afã de atender essas metas de corpo saudável destinou-se atividades distintas para os sexos, tais práticas aumentariam as destrezas físicas do homem e restringiriam as mulheres aos esportes menos violentos, jogos infantis e ginástica educativa visando a delicadeza do organismo das mães (Castellani Filho, 2010). Com isso, o decreto Lei n. 3.199 de 1941 no artigo 54 proibia a prática desportiva incompatível com a natureza das mulheres. Em adição, a deliberação do conselho nacional de desporto de (1965) no item 2 elenca as atividades proibidas para as mulheres em “lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball”. Sendo assim, o histórico de práticas corporais separadas e gentrificadas é antigo na sociedade brasileira.

As proibições em relação as práticas corporais foram retiradas em 1979 com a deliberação nº 10 do conselho nacional de desporto reconhecendo a necessidade de estimular as atividades desportivas para as mulheres. Desta forma, na esteira das mudanças tivemos os movimentos renovadores da EF brasileira na década de 1980 trazendo novas abordagens para o contexto escolar como a desenvolvimentista, a psicomotora, a construtivista, a crítico-superadora e a crítico-emancipatória. Esse novo olhar para a EF questionou a organização e a formatação das aulas.

Na forma, relativamente a organização dos sexos, nós poderemos verificar as aulas separadas, mistas e co-educativas. As turmas separadas “favoreceriam a aptidão física e o treinamento. Meninos e meninas se sentiriam com mais liberdade para fazer aula. Os docentes apresentariam mais conteúdos que vão ao encontro dos interesses dos alunos” (Louzada, Votre e Devidé, 2007). As “turmas mistas, seriam mais socializantes, englobariam mais conteúdos, melhorariam o relacionamento intersexo e preparariam para a vida em sociedade” (Louzada, Votre e Devidé, 2007).

As aulas mistas podem apresentar um caráter co-instrutivo ou co-educativo). A metodologia co-instrutiva reúne somente ambos os sexos na mesma aula. Já a metodologia co-educativa, não só agrega os dois sexos, mas como também acrescenta uma intencionalidade na compreensão dos diferentes papéis sociais

desempenhados no esporte pelos diversos atores (Kunz, 2004). A abordagem coeducativa “requer a instauração de possibilidades vividas na igualdade de atenção e tratamento das meninas e dos meninos, reflexão sobre o sistema de valores e atitudes transmitidos nos conteúdos educativos” (Costa e Da Silva, p.48, 2002).

Desta maneira, visando subsidiar a prática pedagógica dos docentes de EF na problemática da inclusão do gênero feminino entregamos o caderno pedagógico “Aulas Mistas ou Separadas? Metodologias para Inclusão do Gênero Feminino no Esporte”.

3 - OBJETIVOS

O Caderno Pedagógico tem como objetivo geral orientar os professores de Educação Física sobre metodologias para sensibilização das questões de gênero no esporte.

Objetivos específicos:

- Subsidiar a formatação das aulas de Educação Física em relação ao sexo feminino.
- Destacar a importância da intencionalidade do Professor de EF para a inclusão do sexo feminino.
- Apontar esportes com regras coeducativas para ressignificar as aulas de Educação Física.

4 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão das narrativas de gênero será a apontada por Scott (1998) como à organização social da relação entre os sexos, portanto para além do sexo biológico. Com isso, buscou-se as análises dos papéis sociais e simbolismos sexuais dentro das pesquisas na EF para traçar um cenário desta temática. Segundo Silvana Goellner (2017) os estudos de gêneros na EF brasileira têm início no final da década de 70 do século passado consolidado na área de cultura e sociedade da EF.

Os estudos de gênero (EG) na EF se debruçam sobre como é dado historicamente/atualmente a reprodução da dualidade do corpo em relação ao masculino e feminino nos quesitos força, habilidade esportiva, desenvolvimento físico, agressividade, harmonia, estética no movimento e fragilidade (Berriolo, 2019). A partir

desses comportamentos poderemos entender como são julgados os simbolismos de gênero na sociedade.

Nas décadas anteriores ao surgimento dos EG na EF tínhamos nas abordagens dominantes da EF um reforço da masculinidade e da feminilidade como construções fixas - o masculino relacionado a força, a habilidade esportiva, o desenvolvimento físico e a agressividade - o feminino identificado com a harmonia, a estética no movimento e a fragilidade. Esses panoramas de comportamento são construções históricas disseminadas na sociedade e por conseguinte na EF. Desta forma, os EG na EF encontram um campo de estudos bem profícuo para o seu desenvolvimento (Poloni e Furlan, 2022)

Devide et al (2011) divide os EG nas seguintes temáticas: **Gênero e Metodologias de ensino na EF escolar; Mecanismos de inclusão, exclusão e autoexclusão na EF escolar; História das mulheres no desporto; As Representações sociais de gênero na mídia esportiva; A inserção de Mulheres em posições de comando no desporto; Os estudos sobre Desporto e as Identidades de Gênero (masculinidades e feminilidades); as reflexões sobre a construção sócio-histórica de Estereótipos relacionados às práticas corporais na EF no Esporte.**

Quando tocamos na **temática “Desporto e as Identidades de Gênero (masculinidades e feminilidades)”**, Uchoga e Altmann (2016) identificam uma maior participação dos meninos em diferentes conteúdos da EF demonstrando maior confiança dos garotos nas capacidades e habilidades. Oliveira (2016) concluiu que apesar do preconceito com as praticantes de futsal, o cenário está mudando apontando a escola como ambiente fundamental na legitimação da prática do futsal pelas meninas.

Acerca do tema **“Mecanismos de inclusão, exclusão e autoexclusão na EF escolar”**, Silva (2023) investigou a pedagogia dialógica com vistas à problematização das desigualdades de gênero nas aulas de Educação Física. Freitas e Rochael (2020) Categorizaram os motivos pedagógico, estrutural e comportamental para a exclusão nas aulas de Educação Física. E, Matos (2020) investigou o lugar das meninas nas aulas de EF e nos demais espaços de lazer da escola.

No que tange **“as reflexões sobre a construção sócio-histórica de Estereótipos relacionados às práticas corporais na EF no Esporte”**, Coelho

(2016) pesquisou o enfrentamento dos estereótipos de gênero das atividades de reserva feminina, situando na ginástica rítmica. Já Altman et al. (2018) e Dos Santos Ferreira, Meireles e Filgueiras (2021) apontaram as dificuldades no enfrentamento dos estereótipos de gênero das atividades de reserva feminina. Por fim, o maior número de investigações pesquisou os desafios dos estereótipos de gênero das atividades de reserva masculina em Altman (2015), Nery (2020), Pereira (2020), Oliveira, Ricci e Marques (2022) e Da Fonseca e De Brito (2023).

Por último, o campo **“Gênero e Metodologias de ensino na EF escolar”**. Esse campo investiga a formatação das aulas de EF nos quesitos aulas mistas, separadas por sexo e co-educativas. Nessa esfera os esportes com participação mista ou co-educativas que procuraram enfrentar as problemáticas de gênero foram o corfebol, o polibol e o futebol Callejero. Outra alternativa sinalizada consistiu na transformação das regras de um esporte marcadamente de reserva masculina.

O cenário dos EG selecionados indica a tensão das lutas para promover uma prática corporal para todos nas aulas de EF, especialmente, no conteúdo esporte. Neste sentido, indo ao encontro das lutas de gêneros faremos uso da concepção crítico-discursiva de diversidade.

A visão crítico-discursiva de diversidade parte do descortínio das estruturas de poder para o enfrentamento do preconceito e da discriminação. Ela concebe “os aspectos socioeconômicos, políticos e relações de poder como constituintes da diversidade de sujeitos” discutindo as desigualdades e explorações do sistema capitalista para o seu enfrentamento (Alves e Salustiano, 2020). Contudo, a diversidade na BNCC foi hegemonicamente tomada pelas versões celebrativas e universalista ocultando conceitos relacionados a gênero e sexualidade.

Logo, podemos afirmar que a BNCC é um retrocesso em relação aos PCNs porque “a temática de gênero e sexualidade era contemplada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN (BRASIL, 1997), através dos temas transversais, divididos em saúde, ética, orientação sexual, pluralidade cultural, meio ambiente, trabalho e consumo” (De Oliveira, 2020). O tema transversal orientação sexual trazia consigo o objetivo de “reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas” (BRASIL, 1997). Desta feita, orientando o professor a trabalhar as questões de gênero na escola suscitando aos alunos a

historicidade dos papéis de gênero como construções culturais para além do determinismo biológico do sexo.

Sendo assim, o aluno que não empreende as discussões de gênero e sexualidade na família terá o direito ao conhecimento negado. Esse equívoco acaba aprofundando as desigualdades e alimentando os preconceitos dentro da nossa sociedade, então indicando uma contradição na BNCC em relação as competências esperáveis relacionadas a diversidade. Ademais, a própria BNCC reconhece os desafios da faixa etária dos anos finais do ensino fundamental em “que corresponde à transição entre infância e adolescência, marcada por intensas mudanças decorrentes de transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais” (BRASIL, 2017, p. 60).

Nesses termos, a EF é um importante componente curricular para problematizar as diferenças entre os corpos e o movimentar, pois “com a exposição do corpo, ficam evidenciadas as diferenças biológicas e culturais femininas e masculinas presentes ao longo do processo de socialização na escola” (Costa e Da Silva, 2002, p.46). Consequentemente, a temática de gênero e sexualidade poderia constar nas dimensões do conhecimento da BNCC relacionadas a EF chamadas ‘relação sobre a ação’ e a “construção de valores”. Então, estabelecendo uma conexão com questões abordadas aqui construímos a seguinte metodologia.

5 - METODOLOGIA

A metodologia aplicada nesse Caderno Pedagógico é baseada em Oliveira e Perim (2009) com “atividades cujo desenvolvimento estimule tanto a sensibilização para esses temas como, ainda, a vivência de situações inclusivas” (p.84). Pensando nesse objetivo construímos 10 atividades divididas em três blocos. No primeiro bloco indicamos três atividades tematizando as aulas separadas na EF escolar. No segundo bloco instruímos três atividades partindo da aula mista para a politização. Para terminar identificamos quatro esportes de caráter eminentemente coeducativo como

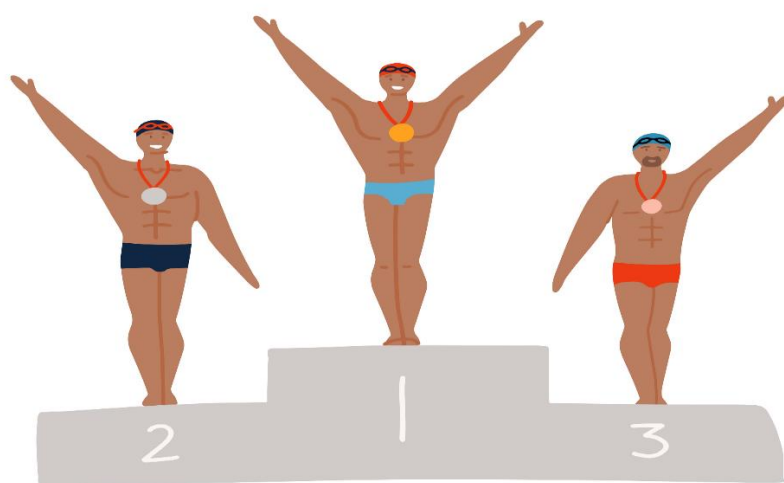
6 - FORMATAÇÃO DAS AULAS EM RELAÇÃO AO SEXO



O que é a formatação?

É como o professor escolhe orientar as aulas “práticas” em separadas (meninos para um lado e meninas para o outro), mistas (Meninos e meninas fazendo a mesma prática) ou coeducativas (aulas mistas com intencionalidade para as questões de gênero).

“há aulas consideradas “mistas” que não ocorrem dessa forma, ou seja, os professores as denominam de mistas, mas organizam parte do tempo reservando o espaço aos meninos na primeira parte da aula e às meninas ao final; ou organizam os grupos simultaneamente – separando-os de cada lado do pátio ou quadra, ministrando aos grupos atividades distintas, por vezes generificada, de acordo com os estereótipos sociais de gênero” (DEVIDE, 2017).



“A Educação Física se voltou para o desempenho físico e técnico do aluno direcionado ao esporte, aspectos esses relacionados à tendência liberal tecnicista da Educação” (Ferreira, 2019, p.18)

“A prática de separar meninos e meninas na transição entre o primeiro e o segundo ciclos do Ensino Fundamental tem como pano de fundo o paradigma biológico, que estabelece a transição entre infância e puberdade, como determinante para as transformações físicas que distanciam os corpos de meninos e meninas, acarretando em desnível de performances que coloca as meninas em situação de suposta debilidade em relação aos meninos.” (Albuquerque, 2020, p.155)



As aulas separadas: P1 e P4

As justificativas para separar os sexos de P1 e P4 são turmas muito numerosas e aspectos biológicos, respectivamente.



“favoreceriam a aptidão física e o treinamento. Meninos e meninas se sentiriam com mais liberdade para fazer aula. Os docentes apresentariam mais conteúdos que vão ao encontro dos interesses dos alunos” (Louzada, Votre e Devede, 2007).



Em razão das turmas com muitos alunos:

“Em turmas numerosas os/as professores/as, costumam separar os/as alunos/as em grupos de meninos e meninas”. (Betinardi, 2008, p.31)

AULAS GENERIFICADAS: NENHUM DOS PARTICIPANTES

Meninas: “Atividades que exigem menor esforço físico e estão associadas à estética com movimentos harmônicos, leves e suaves, estão mais presentes nos movimentos das meninas, exaltando características de delicadeza e fragilidade como definidoras de sua identidade motora” (Pereira, 2005, p.206).

Meninos: “eles tinham a capacidade de produzir gestos e movimentos fortes, ágeis, viris e eficientes” (Pereira, 2005, p.206). Os principais exemplos da aula generificadas são os meninos fazem futsal e as meninas vôlei.

BLOCO 01:

ATIVIDADE 01: *Vivenciar o fenômeno arquibancada ou a periferia das quadras utilizando um esporte de reserva masculina.*

ATIVIDADE 02: *Conscientizar os estudantes sobre a desigualdade gênero no esporte orientamos o filme "LFG" que trata sobre a luta da seleção feminina de futebol dos Estados Unidos para igualdade de salários.*

ATIVIDADE 03: *Esclarecer as diferenças entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual.*

BLOCO 02:

ATIVIDADE 04: *Experimentar os esportes de invasão observando a participação das meninas nas aulas utilizando os pequenos jogos.*

ATIVIDADE 05: *Praticar o Futsal generificado no qual as ações táticas de defesa são praticadas pelas meninas e as ações tática de ataque são experimentadas pelos meninos.*

ATIVIDADE 06: *Produzir um texto narrativo real ou fictício sobre as dificuldades das mulheres na prática esportiva.*

BLOCO 03:

ATIVIDADE 07: *O Corfebol e a equidade entre os gêneros na escola.*

ATIVIDADE 08: *Leitura pedagógica das regras de Ultimate.*

ATIVIDADE 09: *FÚTBOL CALLEJERO NA ESCOLA: UMA NOVA PERSPECTIVA PARA A INCLUSÃO DE MENINAS.*

ATIVIDADE 10: *Polibol na educação física.*

ATIVIDADE 01:

Objetivo: Incentivar as meninas e os meninos a participarem de atividades culturalmente identificadas tanto como masculinas quanto como femininas. (Oliveira, 2009, p.85)

Teoria da Curvatura da Vara desenvolvida por Lênin ao ser criticado por assumir posições extremistas e radicais. Lênin responde o seguinte: "quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto" (Saviani, 1999, p.49).

Tendo em vista a teoria da curvatura da Vara propomos a sensibilização dos alunos para a exclusão das meninas nas aulas de EF do conteúdo esporte. Para isso, faremos os meninos vivenciarem o fenômeno arquibancada ou a periferia das quadras utilizando um esporte de reserva masculina.

FÊNOMENO ARQUIBANCADA:

"Ir para a arquibancada, sem participar das atividades propostas pelo professor e realizar outras tarefas que não têm relação com as aulas é o que caracteriza esse fenômeno." (De Freitas Rochael, 2020, P.46).

PERIFERIA DA QUADRA:

"periferia" da quadra é uma referência subjetiva aos tempos da aula de EF vivenciados pelos alunos que se distanciam da proposta inicial do professor" (Oliveira e Daolio, 2014, p.239)

Ao final da aula indague os alunos como foi estar na "arquibancada" ou na "periferia da quadra". Depois, pergunte as meninas como foi ser protagonista da aula.

ATIVIDADE 02

Objetivo: Possibilitar a apreciação crítica de diferentes artefatos culturais, como, por exemplo, revistas, publicidade, filmes, músicas, programas televisivos, entre outros. Existem vários filmes cujas temáticas possibilitam a discussão sobre gênero e sexualidade e práticas corporais e esportivas. (Oliveira, 2009, p.84)

Objetivando conscientizar os estudantes sobre a desigualdade gênero no esporte orientamos o filme "LFG" que trata sobre a luta da seleção feminina de futebol dos Estados Unidos para igualdade de salários.

Ao terminar de assistir questione os alunos sobre as diferenças de salário e visibilidade no esporte.

ATIVIDADE 03

Objetivo: Criar um bom ambiente entre os participantes da atividade proposta – permitir que cada pessoa possa se expressar livremente e que seja respeitada pelas suas opiniões, habilidades, vivências etc. (Oliveira, 2009, p.85)

Sendo assim, apontamos esclarecer as diferenças entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual utilizando essas definições:

SEXO:

“Termo usado para referir as diferenças anatômicas, internas e externas ao corpo, que tem sido usadas como forma de diferenciar fisicamente mulheres de homens.” (GOELLNER, 2024, p.9)

Diferenças de sexo:

“são aquelas diferenças biológicas que se apresentam desde o nascimento” (GOELLNER, 2024, p.9)

Gênero:

Construção cultural do sexo. Condição social pela qual somos identificados como masculinos e femininas (GOELLNER, 2024, p.7)

SEXUALIDADE:

A sexualidade é entendida como uma construção histórica e social. Envolve uma série de crenças, comportamentos, relações e práticas que permitem a homens e mulheres viverem, de determinados modos, seus desejos e seus prazeres corporais.

Bloco 2

Aulas Mistas ou co-instrutiva: P2 e P3

A metodologia co-instrutiva reúne somente ambos os sexos na mesma aula. Já a metodologia co-educativa, não só agrega os dois sexos, mas como também acrescenta uma intencionalidade na compreensão dos diferentes papéis sociais desempenhados no esporte pelos diversos atores (Kunz, 2004).

Participação: O envolvimento dos alunos nas aulas práticas é uma preocupação dos professores de EF também observada no trabalho de Fernandes (2016).

P4 apresenta dificuldades em promover a igualdade: Corroborando com Nicolino e Paraíso (2018) “o futebol é apresentado nos trabalhos como um forte representante desse processo educativo, ao marcar no corpo as referências de masculinidades que precisam operar” (p.99).

ATIVIDADE 04

Objetivo: Ficar atento/a para situações em que aconteçam discriminações e buscar interferir de forma a minimizá-las e evitá-las.

Experimentar os esportes de invasão observando a participação das meninas nas aulas. Indicação do uso de pequenos jogos na lógica dos esportes de invasão na perspectiva do *Sports education* para a competência esportiva

Esportes de invasão – são aquelas modalidades em que as equipes tentam ocupar o setor da quadra/campo defendido pelo adversário para marcar pontos (gol, cesta, touchdown), ao mesmo tempo em que têm que proteger a própria meta. Por exemplo, basquetebol, corfebol, floorball, frisbee, futebol, futsal, futebol americano, handebol, hóquei na grama, lacrosse, polo aquático, rúgbi etc. (...) Nesse tipo de esporte, ao mesmo tempo em que uma equipe tenta avançar a outra tenta impedir os avanços. E para evitar que uma chegue à meta defendida pela outra, é preciso reduzir os espaços de atuação do adversário de forma organizada e, sempre que possível, tentar recuperar a posse de bola para daí partir para o ataque.

Exemplo de pequenos jogos: uma competição no jogo 1x1 - sendo que driblar, desarmar, chutar e ocupar espaço defensivo são enfatizados – e ser seguido por uma competição 2x2 – na qual os passes são adicionados como habilidades e o equilíbrio defensivo é introduzido como tática (Costa e Silva, 2022, p.5)

O *Sport Education* é uma excelente metodologia para trabalhar as aulas mistas, pois trabalha com vários pequenos grupos possibilitando:

“prazer e satisfação, entusiasmo e envolvimento, motivação, responsabilidade, afiliação e propriedade, inclusão, apoio de pares e equidade, trabalho em equipe, cooperação e conformidade, autonomia, empatia e amizade, fair-play, capacitação e resolução de problemas e tomada de decisão, dentre outros Incentivar a prática de atividades esportivas para todos/as, independentemente do gênero, promovendo atividades nas quais meninos e meninas, homens e mulheres participem conjuntamente”(Costa e Silva, 2022, p.6)

ATIVIDADE 05

Objetivo: Incentivar a prática de atividades esportivas para todos/as, independentemente do gênero, promovendo atividades nas quais meninos e meninas, homens e mulheres participem conjuntamente. (Oliveira, 2009, p.85)

Praticar o Futsal generificado no qual as ações táticas de defesa são praticadas pelas meninas e as ações tática de ataque são experimentadas pelos meninos. Após esse momento suscita as discussões sobre os papéis de gênero na sociedade e, então, inverter os papéis das ações táticas.

ATIVIDADE 06

Objetivo: Construir dinâmicas individuais e em grupos que envolvam a criação de desenhos, colagens, esculturas, narrativas etc., por meio das quais seja possível discutir questões relacionadas ao gênero e à sexualidade.

Produzir um texto narrativo real ou fictício sobre as dificuldades das mulheres na prática esportiva.

Bloco 3

Aulas coeducativas:

Para a construção de uma EF igualitária entre os sexos, os docentes devem distribuir os alunos(as) nas aulas de EF implementando uma proposta Co-Educativa, que “problematize questões de gênero e contribuam para a melhoria da convivência entre os sexos com/através/na prática corporal, facilitando a socialização, o combate ao

sexismo, a diminuição da violência e a melhoria da sua organização.” (Louzada e Deive, 2006, p.137)

“A abordagem coeducativa promove uma educação multicultural, comprometida com a reflexão acerca da diversidade, seja de habilidade motora, identidade, raça, faixa etária, religião, entre outros aspectos emergentes durante as aulas de EF escolar e que geram interferência no seu encaminhamento. Somente a partir dessa intencionalidade pedagógica teremos a garantia de que nossos alunos/as estarão pensando sobre tais aspectos relativos à construção das diferenças na sociedade; o que, de forma geral, uma aula mista, por si só, não possui estratégias para atingir.” (Deive, 2017, p.22)

DIVERSIDADE:

A diversidade na BNCC exprime cinco categorias “diversidade cultural, diversidade linguística, inclusão de pessoas com deficiência, currículo comum e diversificado e competências” (Alves e Salustiano, 2020). Elas expressam três concepções de diversidade a universalista, a celebratória e a crítico-discursiva que argumentam em favor da “defesa da diversidade como bandeira de luta de movimentos sociais representativos de indivíduos que se consideram excluídos, discriminados social, cultural e economicamente (...) em favor da diferença, evidenciando as relações de poder como elemento constituinte da desigualdade” (Alves e Salustiano, 2020).

ATIVIDADE 07

Objetivo: Incentivar as meninas e os meninos a participarem de atividades culturalmente identificadas tanto como masculinas quanto como femininas.

Proposta: O Corfebol e a equidade entre os gêneros na escola de Garcia e Sepulveda (2021).

Por que o corfebol?

“O Corfebol, esporte holandês de quadra que promove a equidade entre os gêneros, é um dos poucos em que homens e mulheres jogam juntos em condições de igualdade” (Garcia e Sepulveda, 2021, p.85553).

“o Corfebol é um esporte emancipatório que rompe com relações de poder, pois, quem está de posse da bola não pode correr, ou seja, o trabalho em equipe é condição essencial durante o jogo.” (Garcia e Sepulveda, 2021, p.85555).

ATIVIDADE 8

Objetivo: Incentivar as meninas e os meninos a participarem de atividades culturalmente identificadas tanto como masculinas quanto como femininas

Proposta: Leitura pedagógica das regras de Ultimate de Da Costa et al (2018)

O Ultimate é um esporte praticado por duas equipes, cada uma com sete integrantes, que disputam a posse de um disco. É jogado em um campo retangular, que corresponde ao comprimento de um campo de futebol (100 metros) e à metade de sua largura (37 metros), com uma zona de ponto (end zone) em cada lado. O objetivo de cada time é marcar o ponto por meio de uma recepção de passe nessa zona. O lançador não deve correr com o disco, mas passá-lo para algum integrante do seu time, com o intuito de avançar em direção à zona de ponto. Quando o passe for incompleto, ocorre uma reversão, e o outro time deve obter a posse do disco e realizar a tentativa de marcar o ponto na zona de ponto do time adversário. (Da Costa et al., 2018, p.8)

Por que o Ultimate?

O processo de coeducação está sempre presente, mostrando a todos os participantes que o jogo se desenvolve com respeito e colaboração mútuos, incluindo a sideline – formada pelos jogadores que estão momentaneamente fora da disputa do ponto, mas devem participar motivando sua equipe, aplaudindo e incentivando. Caso haja discordância em determinada situação, o comportamento deve ser sempre respeitoso, tanto para ouvir quanto para expor ideias. (Da Costa et al., 2018, p.10).

ATIVIDADE 09

Objetivo: Incentivar a prática de atividades esportivas para todos/as, independentemente do gênero, promovendo atividades nas quais meninos e meninas, homens e mulheres participem conjuntamente.

Proposta: FÚTBOL CALLEJERO NA ESCOLA: UMA NOVA PERSPECTIVA PARA A INCLUSÃO DE MENINAS (Souza, 2023)

“O “Fútbol Callejero” (FC) é uma prática de Educação Popular que surgiu no bairro de Moreno, situado em uma região periférica e empobrecida de Buenos Aires, na Argentina. Sua metodologia foi desenvolvida em meio as adversidades sociais da época e firmou-se como mais uma ferramenta para a mobilização social de jovens mediante às dificuldades que assolavam a Argentina em meados de 2001” (ROSSINI apud Souza, 2023, p.28).

Por que o FÚTBOL CALLEJERO?

“A metodologia do FC possibilita oportunizar processos educativos para uma postura dialógica frente ao mundo, estimulando seus participantes à dialogarem para resolução de conflitos, para a tomada de decisão, para produção de conhecimento e de novas culturas. Uma vez que o sistema social global, capitalista lançam olhares para a população juvenil meramente enquanto consumidores.” (Martins, 2015, p.2)

ATIVIDADE 10

Objetivo: Criar um bom ambiente entre os participantes da atividade proposta – permitir que cada pessoa possa se expressar livremente e que seja respeitada pelas suas opiniões, habilidades, vivências etc.

Proposta: Polibol na educação física (Garcia et al., 2021)

“o jogo de polibol, criado nas aulas de Educação Física em Jaú, uma cidade do interior de São Paulo. (...) A vivacidade desta produção cultural encontra eco quando, no ano de 1980, o professor Fernão de Toledo Castro ministrava suas aulas de Educação Física em uma instituição escolar da cidade de Jaú/SP. No interior destas aulas, surgiu uma problemática entre dois grupos de estudantes na qual um queria jogar handebol

e outro, futsal. Como os alunos não chegaram a um acordo, o professor determinou que, quando uma equipe tivesse com a posse de bola, esta jogaria handebol, enquanto a outra, ao conquistar a bola, jogaria futsal (...)posteriormente, foram acrescentados ao jogo elementos vinculados ao basquetebol, voleibol e queimada.” (Garcia et.al, 2021, p.12)

.

Por que o Polibol?

“Além da relevância das questões de gênero, os alunos, durante as vivências do jogo, compreenderam a importância da competitividade, sem a exacerbação, buscando uma postura de jogo limpo e postura ética. O polibol foi ensinado por meio da busca de seus significados que caminham lado a lado com o *fair play*.” (Garcia et.al, 2021, p.14)

8 - REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, D. I.; DEL-MASSO, M. C. S. Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF. **São Paulo: Cultura Acadêmica**, 2020.

ALTMAN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. **Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"?**. Dossiê Gênero e Sexualidade no Espaço Escolar • Rev. Estud. Fem. 19 (2) • Ago 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200012>

ALVES, Eliane Fernandes Gadelha; SALUSTIANO, **Dorivaldo Alves. Concepções de diversidade na Base Nacional Comum Curricular–BNCC**. Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, v. 6, n. 11, p. 101-123, 2020.

BRASIL, M. E. C. **Parâmetros curriculares nacionais**. Ministério da educação e do desportosecretaria, 1997.

CAPES. **Documento de área: área 46: ensino**. Brasília, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-deconteudo/documentos/avaliacao/ENSINO_ORIENTACOESAPCN_publicar.p df. Acesso em: 10 ago. 2024.

CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS (Brasil). Presidência da República. DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941. [S. l.], 14 abr. 1941.

CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS (Brasil). **Deliberação nº 7/65**. [S. l.], 1965

CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS (Brasil). **Deliberação CND nº 10/79**. [S. l.], 1979.

COSTA, Maria Regina Ferreira; DA SILVA, Rogério Goulart. **A EDUCAÇÃO FÍSICA E A CO-EDUCAÇÃO: IGUALDADE OU DIFERENÇA?** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 23, n. 2, 2002.

COSTA, Gustavo De Conti Teixeira; SILVA, Rodrigo Márcio de Oliveira e. **Métodos de ensino na Educação Física: um olhar para abordagens contemporâneas**. São Paulo: Unesp, 2022. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/course/view.php?id=3087&ion=2#tabs-tree-start>. Acesso em: 14 ago. 2024.

DA COSTA, Felipe Rodrigues; MELO, Paula Beatriz Silvestre; VASCONCELOS, Arthur Sales; CARDELINO, Felipe Artur; COSTA, Camila Paiva Freitas. Leitura pedagógica das regras de Ultimate: uma versão em português para uso na iniciação. **Universidade de Brasília**, Brasília, ed. 1ª Edição, 2018.

DA SILVA, Cláudio Nei Nascimento et al. Determinantes metodológicos que entram na configuração dos mestrados profissionais no Brasil: concepções, método e resultados para a sociedade. **Editora Nova Paideia-Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, p. 123-142, 2022.

DAOLIO, Jocimar. **A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”**. *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus, v. 1, p. 99-108, 1995.

DE FREITAS ROCHAEL, Carolina Mezzetti et al. **O fenômeno arquibancada: análise do afastamento das meninas nas aulas de Educação Física do Ensino Médio em uma escola na rede estadual de Minas Gerais**. 2020.

DE OLIVEIRA, Anderson José et al. **Currículo, Educação Física e BNCC: onde está Wally, o gênero e a sexualidade**. *Revista de Estudos Interdisciplinares*, v. 2, n. 3, 2020.

DEVIDE, Fabiano Pires; JESUS, Mauro Louzada. **Educação Física escolar, co-educação e gênero: Mapeando representações discentes**. *Movimento*, Porto Alegre, v.12,n 03, p.123-140, setembro/dezembro de 2006

DEVIDE, Fabiano Pries et al. **Estudos de gênero na educação física brasileira**. Motriz: Revista de Educação Física, v. 17, p. 93-103, 2011.

DEVIDE, Fabiano Pries (org.). **Estudos de gênero na educação física e no esporte**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2017.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 18. ed. Campinas - São Paulo - Brasil: Papirus Editora, 2010. 174 p. ISBN 85-308-0021-4.

GARCIA, Juan Leal; SEPULVEDA, Denize. **O Corfebol e a equidade entre os gêneros na escola Corfbal and gender equity at school**. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 8, p. 85549-85566, 2021.

GARCIA, Leandro Fernandes et al. **Polibol na educação física: análise de uma experiência de ensino na escola**. *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 11-17, 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: EDUCANDO PARA A DIVERSIDADE**. In: **CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: EDUCANDO PARA A DIVERSIDADE**. Brasil, 11 nov. 2009. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgicfindmkaj/https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/144/videoconfgenero.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 14 ago. 2024.

LOUZADA, Mauro; VOTRE, Sebastião; DEVIDE, Fabiano. **Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 28, n. 2, 2007.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DE SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; BELMONTE, Maurício Mendes. **Quando as meninas tomam a rua: as relações de gênero no Fútbol Callejero**. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte. 2015.

NICOLINO, Aline Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação Física.** Movimento, v. 24, p. 93-106, 2018

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; PERIM, Gianna Lepre. **Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática.** 2009.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de; DAOLIO, Jocimar. **Na "periferia" da quadra: educação física, cultura e sociabilidade na escola.** Pro-Posições, v. 25, p. 237-254, 2014.

PEREIRA, Sissi Aparecida Martins; MOURÃO, Ludmila. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. **Motriz Revista de Educação Física**, p. 205-210, 2005.

SOUZA, Bruna Patrícia Ramos de. **Futebol Callejero na escola: uma nova perspectiva para a inclusão de meninas.** 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.